



## OS MODOS DA TRANSEXUALIDADE: ENTRELAÇAMENTOS DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Tiago Zeferino dos Santos<sup>1</sup>

Tânia Mara Cruz<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o processo de construção das identidades de gênero e orientação sexual de duas professoras<sup>3</sup> autodefinidas transexuais<sup>4</sup>. Para tanto realizou-se uma pesquisa qualitativa por meio de uma densa entrevista com roteiro semiestruturado. Em sínteses próprias, as entrevistadas explicitaram, em seus significados da transexualidade, semelhanças e diferenças entre si, em um processo de construção a partir: das referências presentes na mídia (televisão ou cinema); das experiências com a medicina e psicologia; e da participação nos movimentos sociais. Se o processo de reflexão identitária parece ser mutável, contínuo e inacabado, o que tem sido uma constante é o papel heteronormativo dos ambientes escolares, com todas as armadilhas nele presentes; tal contexto torna a continuidade dos estudos uma luta cotidiana a ser travada pelos sujeitos transexuais.

**Palavras-chave:** Transexualidade; Gênero; Orientação Sexual.

### MODES OF TRANSEXUALITY: INTERLACEMENT OF GENDER AND SEXUAL ORIENTATION

#### ABSTRACT

This work has as aim analyzing the process of construction of identities of gender and sexual orientation of two professors who self-defined themselves as transsexual. Thereunto, a qualitative research was performed by means of a solid interview with a semi-structured guide. In their own synthesis, the interviewed have explained, in meaning of transsexuality, similarities and differences between themselves, in a process of construction from: references in the media (television or cinema); from experiences with Medicine and Psychology; and from the participation in social movements. Whether the process of reflection on the identity seems to be changeable, continuous and unfinished, the heteronormative role has been a constant in school environments, with all the traps in it; this context becomes the continuity of studies a daily struggle faced by transsexual subjects.

**Key-words:** Transsexuality; Gender; Sexual Orientation.

### MANERAS DE TRANSEXUALIDAD: ENTRELAZAMIENTOS DE GÉNERO Y ORIENTACIÓN SEXUAL

<sup>1</sup> Tiago Zeferino Santos é graduado em História e mestrando em Educação/UNISUL, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Mara Cruz. E-mail: <[santos.tiago@unisul.br](mailto:santos.tiago@unisul.br)>.

<sup>2</sup> Tânia Mara Cruz, doutora em Educação pela USP, é professora do Mestrado em Educação/UNISUL. E-mail: <[tania.cruz@unisul.br](mailto:tania.cruz@unisul.br)>.

<sup>3</sup> Este artigo é recorte de uma pesquisa sobre Transexualidade e Escola produzida na Iniciação Científica em 2010 (graduação em História) e que segue na Pós-Graduação (Mestrado em Educação) com a temática sobre as representações de alunos/as a respeito da transexualidade entre professoras, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Mara Cruz.

<sup>4</sup> Optamos pela autodefinição, respeitando os sujeitos de pesquisa e considerando os diferentes modos de transexualidade; conforme solicitação o nome de Gabriela é seu nome social e foi autorizada a divulgação, e o nome de Jéssica é fictício.



## RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo analizar el proceso de construcción de las identidades de género y orientación sexual de dos profesoras autodefinidas transexuales. Para tanto fue realizada una pesquisa cualitativa por medio de una densa entrevista con guion semiestructurado. En síntesis propias, las entrevistadas explicitaron en sus significados de transexualidad proximidades y diferencias entre ellas, en un proceso de construcción a partir: de referencias presentes en la media (televisión o cinema); de experiencias con la medicina y psicología; y de participación en movimientos sociales. Si el proceso de reflexión de identidad parece cambiante, continuo e inconcluso, o que es constante es el role del *heteronormativo* de los ambientes escolares, con todas las trampas en ello presentes; tal contexto torna la continuidad de los estudios una lucha cotidiana que debe ser trabada por los sujetos transexuales.

**Palabras-clave:** Transexualidad; Género; Orientación Sexual.

## Introdução

O objetivo deste artigo é discutir o processo de construção das identidades de sexo e de gênero em duas professoras autodefinidas transexuais. Para tanto, buscamos conhecer o significado da transexualidade para elas e de que modo articulam sua orientação sexual e gênero. As pesquisas sobre experiências transexuais entre docentes ainda são poucas, mas a temática é necessária, particularmente em uma cultura que vê o indivíduo a partir de sua orientação sexual, desconsiderando os outros elementos de identidade e mais, inferiorizando aqueles que escapam da heterossexualidade hegemônica. No caso de travestis e transexuais, outro preconceito se agrega: o espanto que provoca a expressão de um gênero que não corresponda ao sexo biológico.

De acordo com Naomi Vasconcelos (1994, p.68):

A identidade sexual não se separa da identidade pessoal e, nesse sentido, ela não corresponde a uma definição ou a uma norma, mas a um processo sempre em realização do *ofício de ser pessoa*. Costuma-se, no entanto, raciocinar o contrário: em vez de encarar o sexo como uma dimensão da pessoa ou do humano, encara-se a pessoa ou o humano como uma dimensão do sexo. Em outras palavras, a parte toma o lugar do todo, e a homossexualidade e a heterossexualidade passam a ser vistas como definidoras dos indivíduos, do seu sexo e até mesmo da sua humanidade (para muitos a homossexualidade negaria a própria natureza humana) (grifos da autora). (VASCONCELOS, 1994, p.68).

O conceito de gênero que partilhamos é de que há uma construção social e histórica, o qual envolve uma pluralidade de masculino(s) e feminino(s), e que podem ser tanto da ordem de significados que circulam socialmente em diferentes espaços, quanto das relações concretas entre sujeitos mediadas por estes significados (de quaisquer sexos biológicos, sejam eles mulheres, homens ou intersexos). Ao mesmo tempo, pensamos que gênero pode informar tanto o corpo como o desejo, e aqui falamos de sexo biológico e orientação sexual. Podemos, ainda, dizer que fatores como raça e classe constituem marcadores sociais determinantes nos modos de vivenciar as relações de gênero.

Por meio da reconstrução da trajetória de duas professoras transexuais, nos propomos a refletir sobre as dificuldades e percalços vivenciados nas últimas décadas do século XX e início do XXI, em uma sociedade capitalista, de dominação masculina e heteronormativa, pano de fundo das histórias de vida aqui apresentadas.

### **Os sujeitos e a metodologia**

A primeira professora transexual, Jéssica, é licenciada em História e no momento da entrevista tinha 22 anos. Nasceu no Rio Grande do Sul e, segundo ela por circunstâncias alheias à sua vontade, mudou-se ainda adolescente com sua família para Tubarão/SC. Foi nesta mesma cidade que concluiu o Ensino Médio e sua graduação. Já trabalhou como professora de História em caráter temporário em diversas escolas, mas, no momento da entrevista, trabalhava numa escola pública estadual como professora de informática. A outra professora é Gabriela, graduada em Letras e no momento da entrevista tinha 45 anos. Natural de Tubarão, também concluiu seus estudos nesta mesma cidade. No momento da entrevista era efetiva numa escola pública estadual de Educação para Jovens e Adultos, atuando como professora de Língua Portuguesa e Inglesa. Gabriela há muitos anos é militante e ativista. Ambas são brancas, pertencentes às famílias trabalhadoras e vêm de contextos históricos distintos: Gabriela concluiu o Ensino Médio e a graduação no final da década 80 e atua desde 1995 na área da educação; Jéssica concluiu o Ensino Médio em 2004 e a graduação em 2008, iniciando suas atividades como professora em 2005.

Para a pesquisa, realizamos, com prévia autorização, uma entrevista extensa com cada uma delas, com roteiro semiestruturado e que complementamos com alguns dados em contatos posteriores. O registro ocorreu por meio de gravações em áudio e a transcrição foi meticulosa, sendo as entrevistas lidas e relidas várias vezes com o objetivo de identificar o potencial da narrativa nos meandros da história narrada. As transcrições foram enviadas para as professoras para leitura e anuência e só após isso procedemos a análise.

### **Gays, travestis e transexuais**

Apesar de ambas se autodefinirem transexuais no momento da pesquisa, Gabriela e Jéssica passaram por um longo processo de reflexão e autoconhecimento. Neste processo revelaram, em um primeiro momento, trajetórias comuns ao se situarem em relação às categorias de hetero, homo e bissexualidade. Inicialmente, ambas se identificavam e assumiam-se como gays. No início, o fator que atuava como referência de orientação sexual era o universo próximo das amigas na escola ou fora dela.

Eu fui ver que eu era, entender o que era gay e achar que eu era no terceiro ano. Eu comecei a ter uma amizade com uma amiga lésbica e que eu me identifiquei. Daí é que tu começa a identificar com os semelhantes, né? [...] A partir do segundo ano que eu realmente vou deixar me apaixonar por um homem, primeiro grande amor da minha vida (E. Jéssica).

Em certo momento da minha vida eu achava que era gay. Eu achava que eu era gay por quê? Porque na verdade, as pessoas que eu conhecia eram todas gays, então eu acreditava até, eu ia a boates gays, eu tinha amigos gays (E. Gabriela).

O desejo físico ou o amor por homens, marca presente no universo gay masculino, transforma-se, para elas, no elemento principal que define a orientação sexual.

O processo de assumir-se como gay e ao mesmo tempo agregar características cada vez mais presentes no universo feminino passa a ser problemático para ambas, o que pode apontar a gradação das discriminações em relação ao modo de expressar e articular gênero e orientação sexual. Gabriela relata que sua feminilidade aumentou a exclusão escolar provocada por colegas e professores e que relutou com sua própria autoimagem por um longo período, chegando a negar a expressão de sua feminilidade (E. Gabriela). Essa

atitude de Gabriela, visando a maior aproximação com colegas e professores, parece ter sido escolhida como autopreservação, pois, conforme Louro (1999), na escola e outros espaços, a homossexualidade é vista como se fosse *contagiosa*, o que gera resistência em demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais.

Sobre o sentimento da diferença e exclusão, Jéssica argumenta que sempre se sentiu diferente em relação aos outros alunos da escola por seus trejeitos femininos, mas ainda sem clareza sobre si mesma, já que se “sentia uma pessoa assexuada [...] de não achar menino nem menina bonita, nada!” (E. Jéssica). Ao bloquear seu desejo, Jéssica também criou uma espécie de bloqueio da expressão de sua sexualidade para chamar menos a atenção dos colegas o que, por consequência, reduzia as discriminações sobre ela.

As dúvidas com relação à orientação sexual e ao gênero continuaram quando Jéssica e Gabriela entraram na universidade. Até então elas se viam como homossexuais com características mais femininas que a maioria deles. Jéssica se vê como gay, “só que um gay que gostava de usar roupa de mulher na intimidade” (E. Jéssica). O processo de Jéssica na faculdade fica mais explícito neste relato:

Na minha faculdade divide um pouquinho, né. A minha fase que era gay, a minha fase que eu era trans... [pesquisador: Até que semestre da faculdade você se considerava gay?] Porque assim ó, que eu comecei a usar roupas de mulher e querer ser tratada como mulher, eu acho que a partir do quinto período, [...] mas era assim ó, eu comecei muito paulatinamente. Primeiro, uma bota normal só que feminina, mas que parecia masculina. Depois blusinha feminina. Depois comecei a usar sutiã. E assim foi indo aos pouquinhos. (E. Jéssica).

No processo de Gabriela, no início do curso da graduação, ela ainda se percebia como homossexual, mesmo se vestindo de modo feminino e aparentando ser mulher aos olhos do outro, sendo, inclusive, confundida com mulher ao usar o banheiro dos homens (E. Gabriela). Em seguida, foi na descoberta das interseções entre gênero e sexualidade que Gabriela conheceu a travestilidade<sup>5</sup> e sua autodefinição passou a ser, por um longo período, de travesti. A presença de travestis através da mídia contribuiu para essa autoimagem e

---

<sup>5</sup> Segundo Larissa M. Pelúcio (2007), a categoria travestilidade se insere em uma problemática *Queer*, na qual o termo utilizado sistematicamente para ofender e desqualificar, passa a ser utilizado como uma forma de ressignificá-lo. Deste modo, o termo travestilidade procura ressignificar a categoria travestismo.

nessa comparação produziu sua síntese pessoal, porque a mídia divulgava pessoas que se autodesignavam travestis mas sem detalhamento de tudo o que implicava essa nova denominação.

Então eu acreditava, num primeiro momento, que eu era gay, então isso levou um tempo muito grande pra mim perceber e conhecer outras trans [sic]. Qual foi o *boom* do momento, assim? Foi Roberta Close, foi Telma Lipe, aonde eu vi, naquelas pessoas, que eu tinha uma identidade de gênero feminina. Então eu levei um tempo pra descobrir que eu tinha uma identidade de gênero feminina. Aí eu também vivenciei outro momento muito sério da minha vida, que foi acreditar que eu era travesti (E. Gabriela).

A mídia e outros agentes sociais que ocupam o papel de educadores exercem função destacada na formação dessas professoras, o que nos faz pensar no conceito de sociedade pedagógica de Beillerot (1995), tão bem exemplificado por Libâneo (2001) ao descrever as diferentes práticas educativas em vigor que ocorrem fora da escola. Segundo ele

[...] Está se acentuando o poder pedagógico dos meios de comunicação: TV, imprensa, escrita, rádio, revistas, quadrinhos. A mídia se especializa em fazer cabeças, não apenas no campo econômico, político; especialmente no campo moral vemos diariamente a veiculação de mensagens educativas, a disseminação de saberes e modos de agir através de programas, vinhetas e chamadas sobre educação ambiental, AIDS, drogas, saúde. [...] Há uma prática pedagógica nas academias de educação física, nos consultórios clínicos. [...] Os programas sociais de medicina preventiva, informação sanitária, orientação sexual, recreação, cultivo do corpo, assim como práticas pedagógicas em presídios, hospitais, projetos culturais são ampliados.[...] (LIBÂNEO, 2001, p.3-4).

E conclui afirmando que ao extrapolar o âmbito escolar formal abrangem “esferas mais amplas da educação informal e não-formal, criando novas formas de educação paralela, desfazendo praticamente todos os nós que separavam escola e sociedade.” (LIBÂNEO, 2001, p.5).

Neste sentido, podemos dizer que a identidade é um processo coletivo, de como o outro (ou outros) vivencia sua identidade de gênero e de orientação sexual e a divulga como modelo de um novo possível. Para Judith Butler,

O gênero não deve ser constituído como uma unidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos (BUTLER, 2003, p. 200).

Todavia, a cada nova elaboração de si, novos conflitos advêm desse processo. No momento em que passa a se ver como, Gabriela vivencia a dificuldade em ser aceita por esse novo meio provavelmente pelas diferenças sociais: as travestis de seu contato eram todas profissionais do sexo, enquanto ela já atuava como professora. A relação conflituosa entre travestis e gays é retratada em algumas pesquisas como em Bruno C. Barbosa (2010). A nosso ver, não só questões de diferenças de gênero e orientação sexual interferiram nesse processo, mas também a diferença profissional, de viver ou não enquadrada de modo formal na sociedade capitalista ou à sua (aparente) margem, como é o caso da prostituição.

O processo de autoelaboração de Gabriela constituía-se, paulatinamente, de acordo com sua procura de semelhantes e do acesso a novos conhecimentos, mas sempre em relação com a busca interna de si mesma, de compreensão de suas necessidades. A categoria *diferente*, tão ampla que a fez incluir-se inicialmente como gay, seleção feita em função da orientação sexual por homens, se transforma novamente após o acesso ao conhecimento midiático da figura travesti, que incluía gênero como elemento constitutivo da identidade para além da simples orientação sexual. Ao passar a se ver como feminina em função de um dos aspectos de gênero, como o vestir-se como mulher, passa a ver a si mesma como travesti, assim permanecendo por vários anos. Somente após a participação em movimentos sociais de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) quando inclusive passa a estudar as temáticas de gênero é que Gabriela, novamente, problematiza o que considerava sua identidade de travesti. Para a nova autoimagem, a partir de então construída como mulher transexual, passa a considerar como elemento definidor sua postura feminina contínua – “24h por dia” nas palavras dela, e sentir-se confortável neste modo de expressão (E. Gabriela).

Para Jéssica, cerca de vinte anos mais jovem, a primeira reflexão sobre sua transexualidade se dá ainda na pré-adolescência.

Quando eu era pequena, tinha... eu nunca ouvi falar [em] transexual. Mas eu tinha o quê? Uns 10, 12 anos, eu já sabia que era diferente. Sabe aquele cine *privé* da Band? Daí eu vi e naquela vez passou um filme sobre uma transexual. Eu nunca tinha visto aquele universo, pra mim era uma coisa diferente. [...] Daí era uma trans e mostrava um pouco da fase dele como menino e depois mostrava que ela tinha se operado e voltava pro lugar [...] no final que ela se apaixonou pelo melhor amigo dela quando era menino. E o filme demorou, ficou mais em cima dele aceitando ela como mulher, entender que ela era mulher e não era o menino que ele conheceu. Foi naquele momento que eu vi o que era transexual, daí eu fiquei pensando, será que eu sou isso? Porque eu não me encaixava nos padrões, mas, eu acho que foi assim o momento que eu podia ser transexual, que eu podia ser. Mas eu fui ter certeza mesmo com a psicóloga aos 18 anos. (E. Jéssica).

O contexto em que Jéssica estava inserida quando questionava sobre seu gênero e sua sexualidade se deu em um momento de fácil acesso às informações, devido ao grande espaço que a mídia já oferecia sobre essas temáticas. O filme de 1992, *Traídos pelo Desejo*, do diretor Neil Jordan inglês, foi bem difundido de adolescência de Jéssica, tendo ganho inclusive o Oscar por melhor roteiro e muitas indicações de prêmios (2012), servindo a ela como contraponto para suas angústias e busca de definições. Por outro lado, temos um recurso não utilizado por Gabriela: o papel dos conhecimentos médicos e psicológicos que, já descritos por Michel Foucault (2001), mais e mais são implementados sobre a sexualidade, inicialmente no enquadramento heteronormativo, mas por meio da negação e depois adequando e fundamentando conforme os conceitos de ciência adotados mas em geral ainda heteronormativos e visando ao enquadramento à categoria de homem ou mulher e enquanto isso, permitindo a expressão de uma identidade transitória para Jéssica, a de transexual feminina.

Como vimos anteriormente em Foucault (2001), a necessidade de definições e enquadramentos identitários sobre a sexualidade passa a ser uma das características do século XX e XXI, e o papel de psicólogos e psicanalistas torna-se um marcador de verdade. Mais que isso, delimitou-se como uma questão social de saúde física e mental, já que, no caso da transexualidade, o direito à saúde ganhou espaço na agenda dos movimentos sociais como uma demanda de políticas públicas, em função da exigência de acesso gratuito às tecnologias do corpo, ora na solicitação de dosagem hormonal, ora em mudanças mais radicais como a troca de sexo via cirurgia.

[...] a vida é que me ensinou, na verdade. Foram as experiências do cotidiano. Vamos supor, aplicação de hormônio, que geralmente toda trans aplica pra ter um corpo e uma voz mais feminina. Eu descobri com outra trans, quais hormônios você poderia tomar, que faz bem, que você fica com aspecto mais feminino, mas assim, se você for no médico, como eu já fui, eles não sabem indicar um hormônio porque só sabem indicar para mulheres e homens. Eles não sabem indicar o contrário pra nós. Ela (médica) disse que nunca teve uma experiência. Eu fui na endocrinologista pedir um hormônio, pra tomar um hormônio que não fizesse mal e ela disse que não sabia nem como fazer isso. Então tu vê, a gente tem que aprender no cotidiano mesmo, com outras, como outras experiências. E aí que peca né, que toda uma sociedade peca, que joga a gente, na verdade, nesse mundo, e a gente se sente diferente, se percebe diferente, mas não consegue entender porque que é diferente. Ou, se a gente também não é diferente, é o mundo que é tudo igual? (E. Gabriela).

A associação entre a feminilização biológica e os modos culturais do feminino cria a demanda por um conhecimento médico trans que ainda é precário e gera sofrimento para as trans. Em função dos altos custos econômicos dessa medicalização, podemos inferir daí que existem diferenciações de classe no modo de viver a experiência transexual, já que, quanto menores forem os recursos financeiros do indivíduo transexual, menor sua qualidade de vida em função da automedicação e não acompanhamento médico.

Como se pode ver, as identidades de gênero e de orientação sexual de Gabriela e de Jéssica foram se construindo com o tempo, através do meio social, por novas informações da mídia ou pelas relações sociais num processo de identificação e diferenciação gradual, ora fruto de uma elaboração intelectual, ora da ordem do desejo e da busca de sua expressão.

### **Transexualidade: um conceito em construção**

O que vem a ser um(a) transexual? Seria possível uma definição? No momento da escrita deste artigo, a transexualidade ainda é tratada e compreendida em muitos setores dentro de padrões heteronormativos, podendo o sujeito trans ser submetido a uma exaustiva avaliação com testes psicológicos e sessões de terapia que questionam sobre a possível veracidade de sua masculinidade ou feminilidade quando solicita mudanças de

nome ou cirurgia. Entre estudiosos do tema, os conceitos que descrevem as características do que vem a ser um transexual variam muito entre os(as) autores(as). Essas diferenças de conceituação sobre o que vem a ser a transexualidade vêm sendo construídas em um diálogo constante (não raro conflituoso) entre sujeitos trans, acadêmicos, ativistas e outros profissionais de saúde ou da mídia.

É necessário destacar que, antes de 1950, não existiam definições específicas para transexuais, ou diferenciação entre transexuais, travestis e homossexuais, e só a partir desse período é que se iniciou a construção de conceito de *transexualidade*. Inclusive a ideia de troca de sexo data de 1953, momento em que o endocrinologista alemão radicado nos Estados Unidos, Harry Benjamin, aponta, na cirurgia de transgenitalização, a única possibilidade de terapia para o que ele considera os *transexuais verdadeiros*, argumentando que esta poderia evitar possíveis mutilações, ou até mesmo suicídios. Entre as categorias criadas por Benjamin para categorizar e identificar os transexuais, apenas as pessoas do tipo 5 e 6 do Grupo 3 poderiam ser indicadas para cirurgia, em uma combinação de aspectos relativos a desejo, gênero e sexo biológico.

#### Grupo 3

Tipo 5 – Transexual de intensidade moderada: deseja alterar seu corpo inclusive com cirurgia e tem pouca libido.

Tipo 6 – Transexual de intensidade alta: pessoa transexual exemplar: vive como o outro gênero, deseja alterar seu corpo principalmente via cirúrgica, considera-se mulher em corpo de homem, não possui libido e é extremamente infeliz (BENJAMIN, 1966, apud LEITE Jr. 2009, p.147).

Na área da saúde, a reafirmação de uma única definição de transexualidade tem gerado problemas para os sujeitos trans. Ao não se distinguir gênero de orientação sexual, o binarismo continua como modelo referência nos diagnósticos. Neste sentido, Berenice Bento argumenta que:

Para muitos profissionais de saúde, responsáveis em elaborar o relatório com o diagnóstico, é impensável que pessoas façam a cirurgia de transgenitalização e se considerem lésbicas ou *gays*. Quando uma pessoa que já vive o deslocamento entre o corpo e o gênero (“*sou uma mulher num corpo equivocado*”) e tem como objeto do desejo uma pessoa do mesmo gênero que o seu, produz-se um outro deslocamento. [...] Ler a sexualidade pela lente do gênero, supor o masculino e o feminino como expressões da complementaridade do sexo, ou que as transformações

corporais realizadas pelas pessoas transexuais são os ajustes necessários para se tornarem heterossexuais, é considerar o binário como modelo único para expressar as construções das identidades (BENTO, 2008, p. 46, grifos da autora).

Outros autores contemporâneos centram a matriz da transexualidade pela relação com o sexo biológico. Barbosa (2010) afirma que, enquanto as transexuais sentem repulsa e reivindicam a cirurgia de transgenitalização, travestis convivem satisfatoriamente com seu órgão genital. Outros autores, no entanto, como Josefina Fernández (2004), Berenice Bento (2008), Jorge Leite Jr (2009) e Flávia do Bonsucesso Teixeira (2009) não estabelecem essa categorização, mas consideram que o ponto principal da diferença entre travesti e transexual reside na relação de cada uma com seu órgão genital (pênis). Alguns autores, como Butler (2003), problematizam o conceito de transexualidade e gênero dentro da Teoria Queer, e apontam para a transitoriedade e o questionamento de identidades que fixam e delimitam as experiências de gênero e orientação sexual.

Em documentos divulgados pelo governo, elaborados em conjunto com os movimentos LGBTTs, conforme documentos da I Conferência do movimento, a transexualidade apresenta-se como uma situação transitória vivida por homens e mulheres.

Transexual: pessoa com identidade de gênero que se caracteriza por uma afirmativa de identificação, solidamente constituída e confortável nos parâmetros de gênero estabelecidos (masculino ou feminino). [...] Esta afirmativa consolidada pode, **eventualmente**, se transformar em desconforto ou estranheza diante destes atributos [...] A transexualidade também pode, **eventualmente**, contribuir para o indivíduo que a vivencia objetivar alterar cirurgicamente seus atributos físicos (inclusive genitais) de nascença para que os mesmos possam ter correspondência estética e funcional, vivência psicoemocional da sua identidade de gênero constituída (ASSOCIAÇÃO, 2006, p. 11, grifos nossos).

Podemos observar que, no documento, há uma busca de não limitação da transexualidade conforme alguns autores anteriores consideram, isto é, na não aceitação com seu órgão genital. Eventualmente, o indivíduo transexual pode ou não sentir desconforto com seu órgão genital, mas esta não seria uma condição *sine qua non* da transexualidade. A convivência satisfatória com seu corpo original não desqualificaria ou tornaria menos transexual um sujeito que se autodefine como transexual e, tampouco, o

obrigaria a definir-se em apenas uma das orientações sexuais, seja ela como heterossexual, homossexual, ou bissexual ou de gênero, no binarismo da masculinidade ou feminilidade.

### **Considerações em andamento...**

Em sínteses próprias, as entrevistadas explicitaram, em seus significados da transexualidade, semelhanças e diferenças entre si e de como o processo de construção se deu a partir das referências presentes na mídia (televisão ou cinema) e no processo de forte negação presente no universo escolar. Trazem ainda para a reflexão pessoal as experiências com a medicina, psicologia e movimentos sociais e tal reflexão identitária parece ser um processo contínuo e inacabado.

De igual modo, ao estudarmos suas trajetórias e as comparando com as concepções vigentes dos autores podemos perceber a dificuldade de enquadramentos quando se busca uma identidade a partir de determinações fixas e comuns a todos os sujeitos supostamente semelhantes. Podemos destacar um ponto polêmico entre autores em relação à questão da aceitação do corpo e trazer um pouco da reflexão das transexuais entrevistadas por nós.

Jéssica expressou interesse em efetuar a cirurgia de transgenitalização como uma realização pessoal e para maior aceitação de si. Para ela, a transexualidade “significa que o corpo, biologicamente, é um sexo e, psicologicamente, é outro”, e complementa: “eu me sinto como mulher e penso como mulher” (E. Jéssica). No processo identitário de Jéssica, percebemos que a orientação sexual adotada por ela seria de heterossexual que deseja homens, juntamente com o gênero feminino em todas as suas formas de expressão. Neste ponto, Jéssica se aproxima do que seria a concepção tradicional de gênero em que se é feminina, heterossexual e fêmea (para isso, inclusive ingere hormônios e almeja a cirurgia). Assim, sentir-se ou apresentar-se no gênero feminino se confunde com a ideia de ser mulher e que, obrigatoriamente, deve haver uma mudança biológica que se ajuste a esta autoimagem. De certo modo, nessa forma de pensar é a transformação do sexo biológico que garantirá a subjetividade de sentir-se mulher perante si e o outro. Em nossa cultura, a compreensão de gênero, sexo e orientação sexual de maneira acoplada se deve a uma identidade pessoal que tem se construído através da identidade sexual que amarra gênero e

sexo biológico. Esta amarração parece estar presente em Jéssica, o que a assemelha a autores(as) que compreendem haver, para um sexo, um determinado gênero e uma determinada orientação sexual.

Por outro lado, Gabriela não manifestou interesse na cirurgia de transgenitalização, acrescentando que se considera em uma relação heterossexual porque homens de sexo biológico e de gênero masculino procuram por ela. Mesmo que seu órgão genital seja considerado pela sociedade como característica de um corpo de homem, ela se sente mulher, feminina e o vê como uma parte de seu corpo que lhe permite sentir prazer de modo feminino. A repulsa, dita pelos autores, não faz parte do repertório de Gabriela. No decorrer da entrevista, apesar de sua afirmação de heterossexualidade em alguns momentos em outros também se questionou sobre sua possível homossexualidade ou até mesmo bissexualidade. O fato de Gabriela participar como ativista de movimentos LGBTTs a mantém informada em relação aos conceitos contemporâneos e atua como novos elementos educativos sobre como ela se vê e como os outros a vêem. Os documentos que circulam nas redes de informação, entre eles o documento da I Conferência aqui citado (ASSOCIAÇÃO, 2006) provavelmente permite a ela uma reflexão sobre a instabilidade da experiência transexual. Desse modo, pode ser que a narrativa de Gabriela em relação à sua transexualidade, ao afirmar conviver satisfatoriamente com seu órgão genital e inclusive obter prazer por meio dele, pode sustentar-se em conceitos dos movimentos LGBTTs já presentes nos primeiros anos do século XXI. Indo além, podemos problematizar, todavia, que a transexualidade que não busca a heterossexualidade como uma das características da sexualidade tende a desestabilizar quaisquer entendimentos sobre a fixidez de gênero e de orientação sexual.

A partir dessas reflexões podemos inferir que a construção social da experiência transexual, incluindo gênero, sexo biológico e orientação sexual, não é uma tarefa apenas do sujeito transexual, ela é um jogo de espelhos entre si e o outro, que reflete todas as ambiguidades entre imaginário e fisicalidade, como afirma Butler (2003). Ao mesmo tempo, o desejo de parecer mulher e feminina aos olhos dos outros, ou até mesmo passar despercebida com seu corpo construído e modelado conforme o padrão dicotômico como visto anteriormente nas falas das entrevistadas, torna-se, muitas vezes, uma tarefa árdua e

solitária. Quem sabe essas amarras possam, um dia, ser desmontadas se, como Berenice Bento (2008) sugere, pensarmos a transexualidade como uma experiência, e não uma identidade única e fixa.

## Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LESBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Informações sobre a defesa dos direitos LGBTTs*. 2006. Disponível em: <www.abglt.org.br>. Acesso em: 04 Junho 2011.
- BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e Diferenças**: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. USP, 2010. (Dissertação de Mestrado)
- BEILLEROTI, J. **A sociedade pedagógica**. Porto: Rés, 1995.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008 (Primeiros Passos, n. 328).
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 10 volumes, 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: o feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERNANDEZ, Josefina. **Cuerpos Desobedientes**: travestismo y identidad de género. Buenos Aires. Edhasa, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade humana I**: A vontade de saber. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- LIBANEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos**. Inquietações e Buscas. Educar, Curitiba, n.17, p.153-176, 2001.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam**: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso médico científico. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Programa de Doutorado em Ciências Sociais, 2008. (Tese de Doutorado).
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- PELUCIO, Larissa Mausés. **Nos nervos, na carne e na pele** – Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007. (Tese de Doutorado).

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. **Vidas que desafiam corpos e sonhos**: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Doutorado em Ciências Sociais, 2009. (Tese de Doutorado).

JORDAN, Neil. Traídos pelo desejo. [Filme]. Produção de Neil Jordan, direção de Neil Jordan. Japão: Reino Unido. 1992. Longa metragem, 112 min. Disponível em: <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=1086>. Acesso em: 10 Novembro 2012.

VASCONCELOS, Naomi de. **Sexo – questão de método**. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Polêmica).

**RECEBIDO EM 01 DE MARÇO DE 2013.**

**APROVADO EM 12 DE ABRIL DE 2013.**